

SIMPÓSIO AT186

O CORAÇÃO CAVO NO PEITO DA CIDADE: ESPAÇO E GÊNERO EM CLARICE LISPECTOR

SAMPAIO, Ninalcira de Lemos

UFG

lemosninasampaio@gmail.com

Resumo: Em seu texto “O manifesto da Cidade”, que compõe a coletânea *Onde estivestes de noite* (1974), Clarice Lispector fala sobre a cidade realizada e o ato de olhá-la por uma janela. A cidade traçada com engenhosidade por pedreiros, carpinteiros, santeiros, artesãos que contaram com a morte – para que nascesse então a cidade. Ainda que seu último terremoto se perca em datas, alguma coisa escapa à rosa-dos-ventos. Surge um cavalo e, junto ao inusitado da aparição – primitivo? -, quem olha a cidade pela janela sente que há alguma coisa escrita a carvão numa parede. A partir da imagem da rosa dos ventos ou rosa náutica - que surge da necessidade de indicar um sentido, de auxiliar na localização de um corpo - adotaremos duas personagens da obra clariceana para analisarmos a relação entre espaço e gênero na literatura. A primeira delas, Lucrecia Neves, de *A cidade sitiada* (1949), que vive em simbiose com o subúrbio de S.Geraldo ao mesmo tempo em que sufoca-se com a monotonia do espaço ao qual ela dá vida. A outra, Macabéa, de *A hora da estrela* (1977), nordestina que migra para a cidade do Rio de Janeiro. As duas personagens deambulam pela urbe e buscam encontrar seus lugares como existentes através da relação que estabelecem com os espaços.

Palavras-chave: Espaço. Gênero. Clarice Lispector.

Abstract: In her text "Manifesto of the City", published in the anthology "Where Were You at Night" (1974), Clarice Lispector talks about the city and the act of looking at it through a window. The city was drawn with ingenuity by masons, carpenters, artisans who could count on death - so that the city might be born. Although its last earthquake is lost in dates, something escapes to the compass rose. A horse appears and, besides the unusual of the apparition - primitive? - whoever looks at the city through the window feels that there is something written with coal on a wall. From the image of the compass rose, or windrose - which arises from the need to indicate a meaning, to assist in the location of a body - we will adopt two characters from the Claretian work to analyze the relationship between space and gender in literature. The first of them, Lucrecia Neves, from "The besieged city" (1949), who lives in symbiosis with São Geraldo poor neighborhood, simultaneously suffocating with the monotony of

the space to which she gives life. The other, Macabéa, from “The hour of the star” (1977), a northeastern who migrates to the city of Rio de Janeiro. The two characters roam around the city and seek to find their places as existing beings through the relationship they establish with spaces.

Keywords: Space. Gender. Clarice Lispector.

O narrador de *A hora da estrela*, Rodrigo S. M., afirma que seu material básico é a palavra. E como escritor, ele conhece termos que classifica da seguinte maneira: “conheço adjetivos esplendorosos, carnudos, substantivos e verbos tão esguios que atravessam agudos o ar em vias de ação, já que palavra é ação, concordais?” (LISPECTOR, 1998, pg. 15). Concordando que palavra é ação, o narrador vai mais longe e nos confessa como contará a história de sua personagem. Não vai floreá-la porque a moça em questão é mirrada de corpo e de espírito forçando Rodrigo S. M. ao exercício da simplicidade.

A partir do que compartilha o narrador de *A hora da estrela*, concordamos que com palavras – material básico para a construção de narrativas – podemos moldar mundos, escolher maneiras de contar sobre pessoas e, também, sobre cidades. Desta forma, aderimos à visão de Rolnik (1994) que nos apresenta a cidade como escrita:

É evidente o paralelismo que existe entre a possibilidade de empilhar tijolos, definindo formas geométricas, e agrupar letras formando palavras para representar sons e ideias. Deste modo, construir cidades significa também uma forma de escrita. Na história, os dois fenômenos – escrita e cidade – ocorrem quase que simultaneamente, impulsionados pela necessidade de memorização, medida e gestão do trabalho coletivo. (ROLNIK, 1994, pg. 15-16)

Para a urbanista, na cidade, por meio da escrita, é que se pode registrar o acúmulo de riquezas, de conhecimento e isso se dá não apenas pela existência de documentos, mas a própria arquitetura conta a cidade, nos narra quem são e como vivem os moradores de cada região. A cidade é passível de ser escrita e lida.

Clarice Lispector, em sua obra conhecida por conta do trabalho rebuscado com a linguagem, do fluxo de consciência, da introspecção de seus personagens, também nos ofereceu textos onde a cidade é abordada – escrita

e lida – com perspicácia e complexidade responsáveis por ultrapassar binarismos acerca de ideias como atraso para o campo e progresso para o cidadão, fazendo-nos pensar no espaço como algo aberto e, por isso mesmo, palco para a ação, para o político.

Esta abertura do espaço nos lembra do intento de Doreen Massey (2009) defensora de que “o espaço é a dimensão do social: da coexistência contemporânea dos outros. E isso é ao mesmo tempo um prazer e um desafio” (MASSEY, 2009, pg. 15). Impossível conceber, para a geógrafa, o espaço como apenas uma superfície sobre a qual nos localizamos. Sustentar o espaço como sem dinamismo é um modo de “controlar o desafio que a espacialidade, inerente ao mundo, apresenta” (MASSEY, 2009, pg.26). O espaço, então, é concebido como inter-relação, como multiplicidade, como uma sempre-construção, nunca se mostrando acabado ou fechado: “o espaço como simultaneidade de estórias-até-agora” (MASSEY, 2009, pg. 26).

Uma vez que temos um mundo sendo feito através de relações, afirma a geógrafa que aí se encontra a política. E é nesta esteira que encararemos duas obras de Clarice Lispector – *A cidade sitiada* (1949) e *A hora da estrela* (1977) – que versam sobre duas protagonistas mulheres e as relações que elas desenvolvem com o espaço que habitam. Tentar enxergar a política da ocupação dos espaços através de duas personagens femininas na obra clariceana é igualmente uma maneira de pensar o lugar ou, como defende Eneida Maria de Souza, o não-lugar da literatura diante da prática interdisciplinar. A professora, em um seu artigo intitulado *O não-lugar da Literatura*, ao analisar as impressões de autores que ao visitar a cidade de Paris reforçam “o laço entre o saber do sujeito que viaja e a sua experiência de leitura, ao contemplar a cidade como cenário de ficção montado por seus escritores ilustres” (SOUZA, 1998, pg.12) nos convida a refletir acerca da relação entre o conceito de literatura e o de classe social a partir de como a literatura tem sido compreendida e propalada como campo de conhecimento:

A partir do estabelecimento de lugares institucionais e simbólicos do discurso literário, tais como o da academia, da universidade e hoje, com força mais evidente, o do mercado, procede-se à historicização do conceito, com o objetivo de apontar o traço de complexidade na fixação desse discurso. A prática interdisciplinar, funcionando como mecanismo de abertura para o trânsito entre os discursos das

ciências humanas, exerce papel importante nesta reflexão. Nesta operação, o literário se dilui e se transforma através de múltiplas inserções, desfazendo-se de pretensas singularidades, ao ser convocado a entrar como componente ativo na rede interdisciplinar – seja como texto-corpus utilizado nas interpretações dos demais discursos, seja como disseminador dos conceitos de ficção e de narratividade, procedimentos enunciativos bastante explorados pelo ensaísmo atual. (SOUZA, 1998, pg. 13)

As relações entre espaço e literatura que aqui desejamos estabelecer não estão ancoradas em valorações da experiência estética que vê na *flânerie*¹ o ápice de suas afinidades. Macabéa passeia pela urbe, mas tem a cidade contra ela, é o sentimento de inadequação que faz com que ela, emurchecida de sonhos e vontades, deseje virar estrela de cinema na cidade maravilhosa. Lucrécia Neves, por outro lado, vive a sensação de ser alguém, de ver e ser vista, quando percorre o subúrbio de S. Geraldo. Quando experiencia a cidade grande, esta a engole, dissolve sua particularidade, também se volta contra ela ainda que diferente de como para Macabéa. Mas os desafios estão presentes, marcados em cada pedra em que pisam as duas personagens. E quem constrói a ponte entre literatura e cidade?

A resposta vem em decorrência da leitura de Renato Cordeiro Gomes (1994) que nos diz que a cidade “é resultado da imaginação e do trabalho coletivo do homem que desafia a natureza” e, citando Rolnik (1994), “a cidade é também um registro, uma escrita, uma materialização de sua própria história”, o que nos faz depreender que quem constrói tal ponte entre a literatura e a cidade é quem as experienciam, são as pessoas que transitam pelas ruas e dizem de seus trajetos através de seus corpos. Considerando o lugar-comum de que “também é cidade onde o anonimato e os contrastes sociais assumem evidência incontornável e aspectos por vezes assustadores” (BRESCIANI, 2004, pg.116), tomamos, neste trabalho, os escritores como construtores desta passagem entre literatura e cidade, retirando-lhes a aura de especialidade do artista, de certa forma, pois

O que importa é perceber a maneira como os autores tecem esses lugares-comuns em narrativas de teor diferente; o modo como agenciam personagens e argumentos, entremeiam sua fala com

¹ Flânerie diz da ação de passear pelas ruas das cidades. O flâneur é um tipo literário impresso no século XIX na literatura sobre as ruas de Paris. Walter Benjamin traz esta figura para a academia a partir da poesia de Charles Baudelaire e, com isso, desenvolve teorias sobre a vida moderna nas grandes cidades.

imagens e apelos afetivos, ainda quando pretendem objetividade (BRESCIANI, 2004, pg. 116).

Pensando os diversos caminhos de abordar a cidade, Sandra Jatahy Pesavento, esclarece que “o homem, para realizar a sua natureza, para inventar o homem, deve separar-se dela e criar a cidade, a não-natureza” assim, a “cidade personifica, pois, a lei, a regra, o Estado, a vontade geral, a esfera do público, a submissão do indivíduo diante do poder que representa, simbolicamente, o interesse coletivo” (PESAVENTO, 2004, pg. 167). De como a literatura trata as questões da vida em comum é o desafio que tentamos aceitar ao acompanharmos os passos de Lucrecia Neves e Macabéa percorrendo espaços campestres e citadinos e buscando um lugar para si.

Historicamente as leis e regras das cidades criadas pelos homens denotaram uma divisão espacial rígida para os seus cidadãos: muito comumente, nas cidades do ocidente, o espaço público foi ocupado pelos homens e a esfera privada pelas mulheres. Inclusive o lugar de cidadã fora, em muitas sociedades ocidentais, resultado de lutas das mulheres, nos lembrando de que o espaço é uma questão de disputa política. As mulheres estão inseridas no que Regina Delcastagnè e Virgínia Maria Vasconcelos Leal (2015) denominaram por “identidades tradicionalmente colocadas em seus ‘devidos lugares’ e que, agora, não mais se acomodam”.

Compreendemos mulheres como um grupo heterogêneo e complexo. E, por esse motivo, “saber quem constrói representações alternativas às visões dominantes e estereotipadas” (DELCASTAGNÈ, 2015, pg.9) nos é crucial. Clarice Lispector figura na constelação dos que se afastam de tais visões, basta lembrarmos-nos dos personagens esboçados em seu *A via crucis do corpo* (1974), por exemplo.

O enredo de *A cidade sitiada* (1949) não é complicado. Trata-se da história de Lucrecia Neves que habita a pequena S. Geraldo com a sua mãe Ana, envolve-se com alguns rapazes da cidade, casa-se, muda-se para uma cidade grande, onde habita um quarto de hotel. Ao regressar para S. Geraldo, onde sua mãe já não se encontra porque mudara para um sítio, enviúva. As notícias dadas por sua mãe vêm em forma de missivas e é através de uma

delas que recebe o convite para ir ao sítio onde encontrará novo pretendente para casamento.

Desejando um lugar para estar bem, Lucrecia percorre S. Geraldo e seus arredores em passeios diários com a justificativa de expor-se em busca de marido, ainda que seja fato que não raramente já esteja acompanhada por pretendentes. Entre eles, há um forasteiro, o Tenente Felipe que despreza o subúrbio por achá-lo provinciano. Os diálogos travados entre Lucrecia e o Tenente nos faz entender o quanto ela estabelece uma relação de contiguidade com S. Geraldo: quando S. Geraldo é criticado, Lucrecia também é atingida pela censura.

- Olhe! Disse. Porque não beija a sua avó, ela não é de S. Geraldo! Lançou-lhe afinal trágica, alto para que todos ouvissem.

Era horrível, e ela fremia toda na escuridão. Enquanto o tenente envergonhado torcia o pescoço e ajeitava o uniforme insultado em público – alguém se interrompera na sombra da calçada sorrindo com grande interesse. Fora o encontro no ar de dois cavalos, ambos escorriam em sangue. E não teriam parado até um ser o rei. Ela o desejara porque ele era um forasteiro, ela o odiava porque ele era um forasteiro. A luta pelo reino. (LISPECTOR, 1998, pg. 60).

É esta telúrica Lucrecia que também sonha em sair da cidadezinha “como as ambiciosas moças de S. Geraldo, esperando que o dia de núpcias as libertasse do subúrbio” (LISPECTOR, 1998, pg. 119). E assim acontece: desposada por Mateus Correia muda-se para a cidade grande. Lá, a multidão, as máquinas rangentes, as mulheres bem vestidas, o ritmo frenético das muitas ocupações e dos tantos lazeres despersonaliza Lucrecia Neves que deseja regressar para S. Geraldo. O retorno não é feliz. Mateus falece. Mas a infelicidade do retorno à cidade natal não se dá por seu estado de viuvez, o sentimento de traição é explicado pelo fato de S. Geraldo não ser mais o mesmo: crescera, tomara ares de uma urbe quase metropolitana. “Aproveitando sua ausência, S. Geraldo avançara em algum sentido, e ela já não reconhecia as coisas” (LISPECTOR, 1998, pg. 135).

Diferente da experiência de Macabéa, personagem de *A hora da estrela* (1977), que vive a experiência de nunca ter ou construir um lugar todo seu, Lucrecia Neves, depois Lucrecia Correia – percebamos que mudam os espaços e também muda ela mesma e não apenas de estado civil –, tem a

sensação de ter participado do crescimento de S. Geraldo, de ter lançado a semente de seu desenvolvimento: “Terminando por admitir que sonhara com este progresso e lhe dera sua própria força. Reconhecendo aqui e ali marcas de sua construção” (LISPECTOR, 1998, pg.144). A nordestina Macabéa migra para o Rio de Janeiro, mas má datilógrafa que é e sem ambição, por lá é esmagada pela lógica das relações travadas em um espaço de disputas não muito leais para a sobrevivência. Seus poucos sonhos são teleguiados pela rádio relógio. Também há um estrangeiro em seu destino, ou que lhe selará o destino ao atropelá-la. Mas com este – ou com a ideia de sua existência – Macabéa não discute, não trava nenhum tipo de complexidade como Lucrecia o faz com o tenente Felipe. Pelo contrário, Macabéa o aceita magicamente uma vez que ele é vaticinado pela cartomante e está sob a aura do que ela, mirrada também de inteligência, escuta nas novelas radiofônicas.

Entendemos que as maneiras de as duas personagens ocuparem os espaços pelos quais transitam e nos quais se fixam são diferentes e assim o é porque:

A relação morador da cidade/poder urbano pode variar infinitamente em cada caso, mas o certo é que desde a sua origem cidade significa ao mesmo tempo, uma maneira de organizar o território e uma relação política. Assim, ser habitante de cidade significa participar de alguma forma da vida pública. (ROLNIK, 1994, pg. 21)

Macabéa aparece como pária em relação à organização política dos territórios. Sua existência é total desajustada. Seu jeito de passear chega a irritar seu namorado e conterrâneo que afirma que ela só sabe chover. Quando não faz silêncio constrangedor, Macabéa desatina a perguntar sobre pregos e parafusos, elementos que nos faz lembrar de uma engrenagem da qual ela não consegue participar, pois nem como operária a moça atua bem.

Seguindo os passos de Macabéa tomamos conhecimento da rua do Acre, que a abriga. O ambiente aparece como sujo e mesmo de prostituição: “O quarto ficava num velho sobrado colonial da áspera rua do Acre entre as prostitutas que serviam os marinheiros”, “Rua do Acre. Mas que lugar. Os gordos ratos da rua do Acre”. (LISPECTOR, 1998, pg.30). Entramos com a personagem no Jardim Botânico, onde frequentemente ela se encontra com o aspirante a namorado Olímpico de Jesus. Apesar de o ambiente ser aberto e

bucólico, o clima que se instaura entre o casal, por conta da inabilidade da moça, é pesado e difícil, destoando completamente da graça do passeio. Macabéa quando interfere no ambiente é sempre pela falta: não há construção, mas sim destruição de um lugar possível para ocupar.

Podemos concluir que os caminhos das duas personagens se encontram no que tange ao ato de deambular pelas cidades, mas se distanciam quanto a encontrar um lugar nas suas existências. Macabéa morre e vira ar, Lucrecia Neves muda-se para o sítio não apenas em busca de um novo marido, mas para construir um outro lugar, colaborar com o desenvolvimento do lugar. E entendemos que a separação que existe entre as duas, a maneira díspar de ocupar os espaços, tem a ver com o fato de a primeira ser uma operária desajustada e a segunda ser uma mulher suburbana que, mesmo minimamente, sabe jogar sob as regras da cidade.

Referências:

BRESCIANI, Maria Stella. O literato, o cronista e o urbanista. Imagens de São Paulo nos anos 1910-1920. In: PESAVENTO, S. J. (Org.) Escrita, linguagem, objetos: leituras de história cultural. Bauru: 2004, v. V, p.115-146

DELCASTAGNÈ, Regina; VASCONCELOS, Maria Virgínia. Espaço e gênero na literatura brasileira contemporânea. Porto Alegre: Zouk, 2015.

GOMES, Renato Cordeiro. Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LISPECTOR, Clarice. A cidade sitiada. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____, Clarice. A hora da estrela. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MASSEY, Doreen B. Pelo espaço: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. A vitória de Antígona sob o signo de Babel, a cidade brasileira dessacralizada. In: PESAVENTO, S. J. (Org.) Escrita, linguagem, objetos: leituras de história cultural. Bauru: 2004, v. V, p.165-192

ROLNIK, Raquel. O que é a cidade. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SOUZA, Eneida Maria de. O não-lugar da literatura. In: Atas do 6º Congresso da Associação Brasileira Comparada, Florianópolis, 1998. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaipotese/files/2009/12/O-N%C3%83O-LUGAR-DA-LITERATURA1.pdf> Acesso em 25 de maio de 2019.